

Estela sepulcral arcaica do Alto-Minho

Junto da igreja de Paderne, aldeia do concelho de Melgaço, existia ha annos uma notavel pedra lusitano-romana, com uma inscripção e figuras esculpturadas, a qual fazia parte do lagedo granitico do adro, e estava pois sendo constantemente profanada e maltratada por quem lhe passava em cima. Por diligencias do meu amigo o Dr. Antonio José de Pinho Junior, advogado em Monção, e moço illustrado a quem os estudos da archeologia e ethnographia locaes merecem particular estima, a pedra occupa hoje logar de honra no Museu Ethnologico Português: SECÇÃO LAPIDAR.—MINHO.

Tem de altura 1^m,61; de espessura 0^m,16; de largura 0^m,50. É pois uma estela. Com quanto lhe falte já a extremidade superior, pôde esta lapide considerar-se dividida na superficie anterior em quatro segmentos.

O segmento superior, que, como digo, está incompleto, parece que representa um busto acephalo¹; duas mãos sustentam adiante do peito, em alto relevo, um objecto indeterminavel, mas muito provavelmente vaso.

O segundo segmento é constituído por um nicho, encurvado em cima. Nelle se vêem, em baixo-relevo, duas toscas figuras, com feições desiguaes, de pé, sem nada na cabeça,—uma, a da direita, aparentemente do sexo masculino, vestida de roupagem mais curta (simples *tunica*); a outra, a da esquerda, aparentemente do sexo feminino, vestida de roupagem que chega até quasi aos pés (*tunica muliebris*); cada uma das figuras tem na mão direita um objecto indecifavel e dá a esquerda á outra figura.

O terceiro segmento, separado do antecedente por um bordo, contém uma inscripção, que foi gravada no campo depois de um pouco rebaixado. Esta inscripção continúa no segmento seguinte, cujo campo não foi porém rebaixado, como o terceiro.

O resto do quarto segmento era destinado a fixar o monumento no solo.

Os lados da estela são irregulares, e estão em parte quebrados; pelas costas a lapide foi levemente desbastada. A extremidade inferior acha-se tambem fallha.

¹ Nas estatuas antigas e monumentos estatuiformes, é frequente, por causa dos estragos do tempo, faltar a cabeça.

Veja-se a fig. 1.^a, feita com toda a exactidão, quer quanto ás figuras, quer quanto ao letreiro.

Este constava primitivamente de sete linhas. A primeira está incompleta, pelo gasto das letras; a ultima occupa o quarto segmento. As letras da linha 7.^a são mais encorpadas que as restantes.

OC... I ... F	Discussão da inscripção:
CV ... I I	1-2. O que resta não me permite propôr nenhuma explicação.
3. ENI · F · A · C · ET	4. A 7. ^a letra póde ser I ou L
COMP VALVS	5. A 6. ^a letra parece ser R.
COMP ARDAE	6. N e T estão juntos (nexo).
6. A · L · HSS · PENV	Nas linhas 3 e 4 o A não tem traço ao meio;
COMP · F · C ·	nas outras tem. Alguns dos PP são abertos.

Da discussão precedente resulta que o texto poderá interpretar-se assim: ... *eni f(ilia), a(nnorum) C. et Comp. Vaius(? Valus?), Comp. Ardae (filius), a(nnorum) L., h(ic) s(iti) s(unt). Pentu(s) Comp. f(acien-dum) c(uravit)*. Isto é: «Fulana, filha de um individuo cujo nome no genetivo termina em *eni*, de cem annos de idade, e *Comp. Vaio* (? *Valo*?), filho de *Comp. Arda*, de 50 annos de idade, estão aqui sepultados. *Pento Comp.* mandou fazer este monumento».

Interpretei o F da 3.^a linha por *f(ilia)*, baseado em ser, como parece, feminina a figura da esquerda.

Commentarei agora rapidamente o monumento, seguindo a mesma ordem que segui até aqui.

Cippos funerarios rematados em fôrma de cabeça humana não são raridade na Península: em Cárquere (Beira), por exemplo, ha alguns ¹; em Lara de los Infantes (Hespanha) tambem se conhece um ². Rematados, porém, em busto não me acode nenhum á lembrança; apenas estou no caso de mencionar aqui, a este respeito, um sepulcro (do tempo de Claudio) que está em Roma no Museu Capitolino, e em cuja cobertura apparece entre duas volutas o busto do fallecido, um rapaz de cinco annos, enfeitado com uma *bullæ* ³. Sendo vaso o objecto seguro pelas duas mãos, poderei comparar o nosso monumento com as figuras

¹ Vid. *Revista Archeologica*, vol. II, est. v, e *O Archeologo Português*, v, 210 e 211.

² Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5803.

³ Vid. Walter Altmann, *Die römische Grabaltäre der Kaiserzeit*, Berlin 1905, p. 221. — Tampas de sarcophagos e de urnas cinerarias com figuras não vulgares nos Etruscos.

ERRATA

(Fasc. n.ºs 9 a 12, do vol. XII d-O *Arch. Port.*)

Emende-se a pag. 276, nota 3, penultima linha, *não* em *são*
(para se ler *são vulgares*).

Emende-se a pag. 281, linha 2.^a, *momento* em *monumento*.

votivas do Cerro de los Santos (Hespanha), onde esse thema apparece frequentemente¹: o vaso na estela symbolizará libação aos deuses manes (*inferiae*)²; o busto representará o sacerdote que faz a libação, ou o proprio dedicador do monumento.

Nichos como o que está a baixo do busto vêem-se tambem não raro em estelas, ora com uma, ora com duas figuras, conforme o numero de defuntos que se desejam symbolizar. Lembrarei mais uma vez os monumentos de Cárquere³. O figurar bustos em nichos de estelas é corrente nos países de civilização romana e grega; não vale a pena citar casos.

Passarei á inscripção.

Ha outros exemplos epigraphicos e litterarios de idades propectas, como a que se menciona na linha 3.^a Cfr.: *O Arch. Port.*, II, 127-128 e nota; e A. Schulten, *L'Afrique Romaine*, Paris 1904, p. 65.

Se na linha 4.^a a leitura *Valus* é justa, temõs aqui um nome



Fig. 1.^a

¹ Vid. Pierre Paris, *Essai sur l'art*, I, est. VII, etc. Cfr. alem d'isso Pierre Paris & A. Engel, *Osuna*, p. 425.

² Nos monumentos d'esta natureza esculpe-se com frequencia uma *patena*, o *praefericulum* e mesmo figuras humanas em attitude de derramarem liquidos libatorios.

³ Vid. *Rev. Archeologica*, vol. II, est. VI, e *O Arch. Port.*, v, 210.

igual ao segundo elemento de palavras como *Ate-valus*, *Cloto-valos*, *Lano-valus*, *Nerto-vali* (genet.), elemento que se tem por celtico, na accepção de «poderoso» ou «chefe», e é comparavel ao lat. *validus*¹.

As linhas 4.^a, 5.^a e 7.^a ha uma palavra commum, COMP., em abreviatura. A repetição faz-me crer que represente, não um nome individual, mas um nome ethnico, que para os contemporaneos era tão conhecido e tão facil de entender, que bastava indicá-lo pelas suas iniciaes. Não posso porém identificá-lo com nenhum conhecido. A posição do nome ethnico numa epigrapha era usualmente depois do nome do individuo, como nas linhas 6.^a-7.^a; o apparecer nas linhas 4.^a e 5.^a antes d'elle, não seria caso extranho em país barbaro, onde muitas vezes se sae fóra das normas epigraphicas.

De *Arda*, na linha 5.^a, ha outro exemplo no *Alt-celtischer Sprachschatz* de Holder: nome de homem da Gallia. A palavra poderia pois ser celtica². São frequentes os nomes proprios de homens gauleses terminados em *-a*, como: *Atepa*, *Ateula*, *Boutia*, *Calava*, *Cantusa*, *Carussa*, *Mapa*, *Toutissa*³.

A respeito da palavra *Pentu(s)*, que se lê na 6.^a linha, notarei que no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2712 e 5719, em inscripções asturicas, ha PENI FLAVI e PENTI BALAESI. Hübner, na lista dos *cognomina*, p. 1089, diz: «gen. *Penti Balaesi f.*», e «*Penti FLAVI*», indicando os genetivos por não saber se os nominativos eram *Pentius* ou *Pentus*; nos *Mon. Ling. Iber.*, p. 257, põe sem hesitação *Pentius* e *Penti(us)*, e assim o seguiu Holder no *Thesouro*. Mas a nossa inscripção mostra que mais prudente foi Hübner no *Corpus* do que nos *Monumenta*, pois não ha duvida que, se *Pentius* era possivel (assim se lê em uma inscripção de Basileia), tambem o era *Pentus*.

Os celtistas haviam já deduzido theoreticamente a fórma **Pentos* (= *Pentus*) para explicarem *Pentius*, e outros derivados (*Pentilius*, *Pentinus*, etc.): vid. Holder, *Thesouro*, s. v. O Sr. D'Arbois de Jubainville fez sobre o assunto uma prelecção, a que assisti, no Collegio de França, em Paris. O mesmo illustre professor diz na sua obra intitulada *Les premiers habitants de l'Europe*, II, 289: «**Pento-s*, pour

¹ Vid. Holder, *Alt-celtischer Sprachschatz*, III, 97.

² Não se confunda porém com as palavras derivadas do th. *ardu-*, que se nota em *Arduunnus*: vid. *O Arch. Port.*, I, 227. A este thema corresponde o lat. *arduus*, o gaul. *Arduenna*, o irl. *arth*, «alto»: cfr. Brugmann, *Abrégé de la Gram. Comparée*, Paris 1905, p. 109.

³ Vid. D'Arbois de Jubainville, *Grammaire Celtique*, Paris 1903, p. 12.

»* *Pemptos*, est une forme abrégée du nom de nombre ordinal correspondant au nom de nombre cardinal gaulois *pempe* «cinco». La forme latine de ce nombre ordinal est *quintus*, pour *quenqtos*, correspondant à *quinque* pour **qenqe*». A esta deducção theorica corresponde admiravelmente o *Pentus* da inscripção do Minho. Identico a **Pentos* = *Pentus* é a fórma cretense πέντος, que está para a grega πέμπτος como **Pentos* = *Pentus* está para **Pemptos*. Em todo o caso não occultarei que, se *Pentus* é realidade como nome de homem, não passa de hypothese como nome de número celtico, visto que não ha texto antigo que contenha tal palavra nesta significação; mas é hypothese muito admissivel.—Comprehende-se que *Pentos*, a significar «quinto», se applicasse como designação de pessoa, pois é sabido que os prenomes latinos *Quintus*, *Sextus*, *Decimus*, etc. significavam na origem ordem de nascimento (o quinto filho, o sexto, etc.). Do mesmo modo que com *Quintus* se correlacionava *Quintinus*, *Quinctilius* e *Quinctius*, tambem com *Pentus* se correlacionam *Pentinus*, *Pentilius* e *Pentius*. Notavel coincidência!

*

A tribu romanizada a que pertencia o monumento era, com muita probabilidade, aquella que tinha o seu *oppidum* num monte que fica a dois passos da igreja parochial de Paderne, e que ainda hoje se chama *A Cividade*, do latim *civitatem*; ahi encontrei uma casa redonda, do typo já conhecido noutros castros de Entre-Douro-e-Minho, e varios objectos de pedra (esculpturas) e restos ceramicos, tudo de origem pre-romana¹. O nome d'esta tribu começava acaso pela enygmatica syllaba *Comp-* que se lê tres vezes na inscripção.

Appendice

Por se parecerem artisticamente com o monumento de que acabo de fallar, reproduzo nas figs. 2.^a e 3.^a (ainda, segundo penso, ineditas) duas pedras graniticas do Museu de Guimarães, em cada uma das quaes se representa um nicho com seu personagem. Estes vestem uma especie de tunica, mais comprida na fig. 3.^a que na 2.^a O personagem da fig. 2.^a tem na mão esquerda um objecto triangular, que ao repente lembra uma cabeça de boi.

¹ Estes objectos estão no Museu Ethnologico Português. Á Cividade andam ligadas varias lendas populares, que colligi e conservo ineditas.

As duas lapides são evidentemente da epoca lusitânica ou lusitano-romana. Appareceram no concelho de Barcellos, na encosta do monte da Saia, em cujo cume existem restos de um castro; Martins Sarmiento, que diz isto, accrescenta que ellas faziam parte de um monumento que elle correlaciona com o culto das aguas¹.

Fig. 2.^aFig. 3.^a

A semelhança entre os monumentos da Saia e o de Paderne está no nicho, no traje e na attitude dos personagens. Se aquelles, como Sarmiento suppõe, pertenciam a um santuario, a semelhança d'elles com o de Paderne é meramente exterior, por isso que o de Paderne é funerario; mas nem por isso fica descabida a aproximação que faço².

¹ Vid. *Expedição á Serra da Estrella* (Relatorio de Archeologia, Lisboa 1883, p. 14 e nota).

² O mesmo benemerito archeologo vimaranense accrescenta que nas faldas de Sabroso houve um monumento identico aos da Saia, e que proximo do *castello* de Vermoim, estação pre-romana, ha probabilidades de ter existido outro: vid. *Relatorio* citado, p. 14.

Visto que estou a fazer comparações, chamarei a capitulo mais um momento: a *Pedra dos Namorados*, que appareceu no Alto-Minho e hoje está no Museu Municipal do Porto. É de granito, e tem de altura 1^m,80, de largura (na base) 1^m, e de espessura 0^m,15 a 0^m,21. Arredondada na parte superior, abriga, tambem em uma especie de nicho, duas figuras vestidas de tunica, as quaes dão a mão uma á outra. Uma das figuras tem na mão direita, junto do peito, um objecto que verosimilhante era discoide; a outra tinha na mão esquerda um objecto alongado¹. A pittoresca denominação de *Pedra dos Namorados* que a pedra tem, recebeu-a do povo da localidade d'onde ella proveio. Já n-*O Arch. Port.*, XI, 348, comparei a *Pedra dos Namorados* aos monumentos da Saia².

J. L. DE V.

O Couto e Mosteiro de Vairão

Notas historicas

Na região *interamnense* do Ave e Douro, chamada ainda hoje *Maia*, a dentro do concelho de Villa do Conde, na diocese do Porto, proximo do Castro do Boi, e não longe da corrente e ponte³ do Ave, levanta-se com apparencia modesta o archaico Mosteiro do Salvador de Vairão, de monjas da Ordem de S. Bento.

Este mosteiro, que não se impõe pela majestade da sua igreja, nem pela grandeza das officinas, é comtudo notavel pela sua grande antiguidade, pelo numero avultado de freiras que frequentemente o habitavam, pela opulencia dos seus haveres, e pela riqueza do seu cartorio, abundante de bellos documentos, muitos dos quaes anteriores á constituição da nacionalidade portugueza.

Fr. Leão de S. Thomás, autor da *Chronica Benedictina*, escrevendo, em 1651, acêrca d'este mosteiro, não se baseou na consulta directa

¹ Vid. *Portugalia*, I, 808, onde se publica uma gravura do monumento.

² No meu artigo saiu por engano *ao da Saia*, em vez de *aos da Saia*.

³ Esta ponte de pedra, que se compõe de oito arcos, e parece ser do principio da monarchia, é chamada nos depoimentos das *Inquirições de D. Affonso II*, de 1220, p. 31, «Ponte de Dom Zameiro», e faz communicar as duas freguesias de Bagunte e Macieira.